



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia
Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa

**LETRAMENTO CRÍTICO E LITERÁRIO, ERÓTICO E
PORNOGRÁFICO: UM CAMINHO POSSÍVEL NO ESPAÇO
ESCOLAR?**

Priscila de Souza Xavier

Trabalho apresentado à Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para a conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa da Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia.

Orientador (a): Prof.(a) Dr.(a) Natanael Duarte de Azevedo

Recife
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P9591

Xavier, Priscila de Souza

Letramento crítico e literário, erótico e pornográfico: um caminho possível no espaço escolar? / Priscila de Souza
Xavier. - 2021.
25 f. : il.

Orientador: Natanael Duarte de Azevedo.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Letras,
Recife, 2021.

1. Literatura. 2. Erótico. 3. Pornográfico. I. Azevedo, Natanael Duarte de, orient. II. Título

CDD 410

LETRAMENTO CRÍTICO E LITERÁRIO, ERÓTICO E PORNOGRÁFICO: UM CAMINHO POSSÍVEL NO ESPAÇO ESCOLAR?

Priscila de Souza Xavier/ estudante autora
Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE
Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE
priw_souza@hotmail.com

Natanael Duarte de Azevedo / professor orientador
Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE
Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE
natanael.azevedo@ufrpe.br

RESUMO. O presente artigo acerca do objeto de estudo, o discurso erótico e pornográfico presente no romance francês e oitocentista “As Aventuras do rei Pausolo”, tem como intenção refletir sobre o letramento crítico e literário, haja vista que esses tipos de textos não recebem devida atenção no espaço escolar. Para isso, sob a ótica de Bakhtin (2000) entendemos os tipos de letramentos como discursos que são dialógicos, ideológicos e relacionados ao marco histórico social em que estão inseridos. O estudo sustenta uma espécie de manifesto e protesto contra as práticas de poder exercidas no espaço escolar, cujas marcas de omissão e desigualdade às diversidades literárias e de linguagem são visíveis. Portanto, opta-se por uma abordagem qualitativa de análise crítica ao discurso para o ensino-aprendizagem de literatura. A atenção volta-se para a formação de sujeitos críticos ao discurso erótico e pornográfico. Uma perspectiva de humanização da literatura e sociointeracionismo do discurso, a fim de desmistificar o preconceito e o apagamento de obras e autores do gênero pelo cânone, uma vez que seus textos descrevem de maneira explícita e implícita sobre o amor, o desejo e o prazer como um instrumento alegórico e satírico para crítica e ataque ao poder. Nesse caminho, entendemos que a literatura promove uma experiência humanizada, capaz de mudar a percepção de mundo e de si mesmo. Com isso, pregamos o discurso erótico e pornográfico como forma de reflexão, crítica e poder através do

ensino de literatura. No desenvolvimento do trabalho, apresentaremos as seções: “Palavras Iniciais” como introdução, “Letramento Crítico”, “Letramento Literário”, “Discurso, Erótico e Pornográfico”, “Orientações básicas para o ensino de Literatura”, “Análise do romance francês As Aventuras do Rei Pausolo” “metodologia” e “Palavras finais”, seguido das “Referências” para encerramento do trabalho.

Palavras-chave: Literatura. Erótico. Pornográfico.

1. Palavras Iniciais

Existe uma sucessão de equívocos ao tratar de literatura, erotismo e pornografia, sobretudo, tendo por base teórica estudos sobre língua, linguística, literatura e ensino. Fruto de uma colonização histórica, ideológica, cultural e política que se repete dominante e dicotomicamente. Pois, na educação básica, o processo dessa prática escolarizada se dá principalmente pela leitura, que segundo Certeau (1994, pág.264) “ler é peregrinar por um sistema imposto”, ou seja, um sistema dominante que exerce o poder de disciplina, normatização, controle, mas que a depender, essa mesma prática torna capaz a oportunidade de ser um sujeito leitor dominante e dominado, “a criatividade do leitor vai crescendo à medida que vai decrescendo a instituição que o controlava” (CERTEAU, 1994, p. 267) isto é, normas.

Dito isto, o julgamento de hierarquia para o que é boa e ruim literatura é preocupante. Das categorias presentes no campo literário, com denominação a sua identidade, tais como o erótico e o pornográfico, trabalhada para a formação crítica do sujeito leitor no espaço escolar praticamente não existe, quando contrário, em exemplo da literatura erótica marca uma prática reconhecida por entretenimento, além de inferior comparada as outras.

O trabalho para com as literaturas “dependem as maneiras pelas quais os textos podem ser lidos e lidos diferentemente por leitores que não dispõem das mesmas ferramentas intelectuais, e os que não mantêm uma mesma relação com o escrito” (CHARTIER, 1999, p. 13), um processo de maturação por etapas com transposição apropriada ao público alvo.

Candido (2004, pág.174) se refere à literatura¹ como um direito básico do ser humano, além de expressão da “maneira mais ampla possível”. Complementa dizendo que “desse modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens e todos os tempos”(CANDIDO, 2004, pág.174). É nesse viés, em respeito à diversidade de categorias literárias e de linguagem para todos que refletimos a questão temática que intitula o trabalho.

Nos processos, apostamos nas técnicas de metodologia à pesquisa documental e bibliográfica, portanto, qualitativa. Definimos como objeto de pesquisa, o discurso, atentando ao seu papel no processo de letramento a partir da linguagem de textos e categoria literária erótica e pornográfica. Haja vista que há hierarquia das classes textuais e literárias. Por questões diversas de forma massiva, quase inquestionável, o que faz assumirem ainda nos tempos atuais um lugar de último grau de inferioridade. O que entendemos como desvalorização às diversidades de categorias literárias e de linguagem.

Tendo em vista a importância do espaço escolar para a formação de sujeitos críticos, que papel o discurso erótico e pornográfico pode assumir no processo de letramento crítico e literário? A partir dessa questão norteadora, definimos como objetivo central: Compreender e refletir o papel da mediação docente no processo de letramento crítico e literário com textos de categoria erótica e pornográfica no espaço escolar como forma de ruptura às marcas de opressão, dominação, discriminação, poder e política desigual no ensino, sobretudo da linguagem e do discurso na literatura.

Para isso, realizou-se uma etapa crescente com cinco objetivos específicos, que foram: Revisar o gênero, a técnica e o estilo de linguagem que compõem o objeto de análise; compreender conceitos, diferenças e perspectivas teóricas e práticas sobre letramentos e literatura; apresentar partes do discurso erótico e pornográfico do romance oitocentista “As Aventuras do Rei Pausolo” para referências do estudo; fazer assimetria entre estudos teóricos e práticos relação aos documentos da educação Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o ensino de literatura e resgatar obras e autores silenciados pelo cânone por trazerem a temática erótica e pornográfica em seus textos.

A motivação maior para a realização deste trabalho advém de interesses pessoais por estudos das práticas discursivas e sociais, da literatura, dos letramentos, do discurso e da linguagem, além de aprofundar os estudos teóricos e práticos sobre o processo de

¹ Literatura como um direito básico, expresso da forma mais ampla possível, conceito presente na obra “Vários escritos”. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Ouro sobre azul, 2004, pág.174.

ensino e aprendizagem como forma pedagógica decolonial capazes de contribuir em combate as omissões, desigualdade e discriminações empregadas no currículo escolar ao ensino de literatura.

2. Letramento Crítico

Compreende-se letramento ou literácia como resultado da ação de ler e escrever a partir da linguagem como prática social. Os sujeitos apropriam-se da escrita como símbolo tecnológico de forma crítica com a finalidade de interagirem e agirem em diversos contextos sociais. Nesse contexto, é um fenômeno que não se limita aos espaços nas relações escolares. Haja vista que nossa interação social é um conjunto de práticas sociais em eventos em curso que revela valores ideológicos e relação de poder Kleiman (2008), de acordo com Soares (2012, p.47) “[...] é estado ou condição de quem não apenas saber ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita” de diversas formas.

Segundo Hasan (1996, p. 377), a expressão “letramento” acha-se hoje “semanticamente saturada”, ou, como diz Costanzo (1994, p. 11), “letramento parece ter hoje em dia tantas definições quantas são as pessoas que tentam definir a expressão”, por isso, se configurou vários tipos de letramento nas perspectivas: autônoma e ideológica. Aquela sustenta questões técnicas, a funcionalidade formal da língua (o social), produção e compreensão dos textos dentro do contexto da prática. E esta compreende o contexto como um elemento importante, por entender que as práticas de linguagens estão ancoradas em estruturas culturais e de extremo poder (do cotidiano).

Considerando a importância da abordagem docente nos processos de letramento crítico, sem se perder para o autoritarismo, percebe-se que:

O letramento crítico leva em consideração uma série de princípios da educação que visam o desenvolvimento das práticas do discurso e de construção de sentidos. Inclui também uma consciência de como, para que e porque, e ainda para quem, e de quem é o interesse que os textos podem funcionar em particular. Ensiná-lo é encorajar o desenvolvimento das posições e práticas leitoras alternativas para que ocorram os questionamentos e as críticas as suas funções sociais. E, ainda mais, pressupõem o desenvolvimento de estratégias para que se possa falar sobre, reescrever e contestar os textos da vida cotidiana (LUKE E FREBODY, 1997, P.218)

Portanto, o letramento crítico, no contexto em que se baseia este trabalho, deve propiciar aos estudantes o desenvolvimento de sua capacidade proficiente ou leitora, tornando-os capacitados para saber criticar e refletir todas as práticas sociais por meio de suas diversidades de gêneros, textos e linguagens, que segundo Mota (2008),

“O letramento crítico busca engajar o aluno em uma atividade crítica através da linguagem, utilizando como estratégia o questionamento das relações de poder, das representações presentes nos discursos e das implicações que isto pode trazer para o indivíduo em sua vida e comunidade” (MOTTA, 2008, s.p).

Como visto, há várias perspectivas teóricas sobre o letramento crítico. Ambas requerem uma abordagem ativa e desafiadora em relação à leitura e as práticas sociais diversas. Em comum, todas, envolvem análise, reflexão e crítica da relação entre textos, linguagem, poder, grupos sociais e práticas sociais.

O letramento crítico pode ser considerado um estado superior da consciência do sujeito, logo, possibilitar transparência às experiências literárias é reconhecer o sujeito daquele espaço como capaz de letrar-se, formar-se literariamente. Haja vista que, tudo é fruto de uma construção, tudo são refém do sistema e suas normas.

2.1 Letramento Literário

Sabendo que existem vários tipos de letramentos, então, o letramento múltiplo sob visão ideológica sustenta essa investigação por entender que se trata de uma prática de leitura e escrita além da codificação e decodificação da língua. Compreende vários contextos de produção e sentido o que fortalece suas identidades e sua ação numa promoção de mudança social. Ser letrado para Rojo (2004, p.2):

[...]. Busca-se escapar dessa armadilha controladora politicamente colonizada [...] escapar da literalidade dos textos e interpretá-los, colocando-os em relação com outros textos e discursos, de maneira situada na realidade social; é discutir com os textos, replicando e avaliando posições e ideologias que constituem seus sentidos; é, enfim, trazer o texto para a vida e colocá-lo em relação com ela.

O que nos faz (re) pensar e refletir sobre as armadilhas colonizadoras que omitem ou não demonstra iguais valores para as diferentes categorias literárias. Um retrato problemático de questão sociopolítica a respeito da definição das coordenadas da abordagem, muito marcante por sinal desde os séculos passados na catalogação dos livros.

Se tratando do Letramento Literário, Cosson (2014, p.23) alega que “[...]é uma prática social e, como tal responsabilidade da escola”, a mesma “[...] escola que enfatiza demasiadamente o conhecido e o mensurável, negando espaço para o estranho e o inusitado” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 71). Nesse encontro e desencontro que sucinta a fragilidade da prática literária.

Dito isto, Cosson (2014, p. 34) ressalta afirmando que a “[...] literatura na escola tem por obrigação investir na leitura desses vários sistemas para compreender como o discurso literário articula a pluralidade da língua e da cultura”, pois, entre a leitura literária normativa, posta pela escola e a formação do leitor direcionada ao desejo e à fruição da literatura (MANGUEL, 1997), vale entender o contexto e a condição de produção do enunciado, bem como seus propósitos.

Na compreensão de Candido (2004, pág.174) sendo a literatura um direito, torna a prática de sua leitura, uma forma de liberdade para quem ler de quem porta desejo além daquilo que lhe é instituído. Paralelo, Vasconcelos afirma que (2012, p. 21) “o texto literário é uma obra de natureza complexa, resultado de intenções, operações linguísticas e produção de sentidos que coloca em jogo o uso da linguagem além da referencialidade”. Dessa forma, a literatura aperfeiçoa nosso repertório e competência simbólica interna e externa a nós mesmos de forma significativa. Se fazendo preciso trabalhar as diversidades literárias.

Candido (2004, pág.174) se refere à literatura como um direito básico do ser humano, além da “maneira mais ampla possível” complementa dizendo que (2004, pág.174) “deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens e todos os tempos”. Nesse entendimento claro da literatura como prática linear e por processos, Cosson (2014, p.25) afirma que “ao tomar o letramento literário como processo está se tratando de um fenômeno dinâmico, que não se encerra em um saber ou prática delimitada a um momento específico”, ele segue numa linha de sucessão praticamente ilimitada, por várias formas e meios.

A [...] leitura, que faz com que o ser social estabeleça graus de interação com outros membros da sociedade, ou seja, a leitura é um dos modos da interação verbal, no sentido que abrem as portas para compreensão e interpretação das atividades simbólicas caracterizadora dos mais variados tipos de contato social. (VASCONCELOS, 2012. p.17). Para isso, cabe a responsabilidade de uma orientação para que essa leitura não seja perdida pela superficialidade que venha a se destacar explicitamente, o que seria o grau de letramento.

Sobre a importância dessa mediação no processo de letramento literário Cosson (2009) diz que a leitura literária é em si e com o mundo, sendo necessário esse contato, essa mediação para uma prática responsiva e qualificada para a formação dos sujeitos, evitando a limitação na superficialidade temática e linguística do texto. Grandó (2012,

p.6) diz que “o letramento também influencia na relação, não somente do sujeito com a sociedade, mas também com outros sujeitos”, ou seja, mais que uma questão de proficiência da leitura e escrita letramento é uma questão de cidadania.

A prática de letramento literário retrata um “problema de padronização, atribuição de direitos e apropriação de poder” que no processo passa a definir o que é adequado ou rejeitado” ao ensino, Shuman (1993, p. 247). Trazendo essa afirmativa para o processo escolar como de letramento é perceptível tal engessamento. Street (1993), entendendo e insatisfeito atenta para,

perceber as práticas de letramento como inextricavelmente ligadas às estruturas culturais e de poder na sociedade e reconhecer a variedade de práticas culturais associadas à leitura e à escrita nos diferentes contextos. Evitando a reificação do modelo autônomo, [esses autores] estudaram essas práticas sociais ao invés do letramento-em-si-mesmo por suas relações com outros aspectos da vida social. (STREET, 1993, p.7).

Logo, esse padrão dá mais atenção para o papel das práticas de letramento na reconstrução ou na ameaça das estruturas de poder na sociedade, o que Street (1993, p.7) adota batizando-o de “modelo ideológico de letramento”. Quando Marcos Bagno (2003, p. 15-21) ao defender que as retaliações e as dicotomias da língua não se tratam de ‘preconceito linguístico’, mas de ‘preconceito social’, equivale de forma comparativa à discriminação de tudo aquilo que não foi bem aceito na sociedade ao longo da história.

Então, a escola torna-se uma agência de letramento no intuito não de criar nenhum tipo de juízo de valor sobre as diferentes posições ideológicas e literárias, mas apresentá-las para reflexão e compreensão quanto à diversidade representativa da linguagem.

2.2. Discurso, Erótico e Pornográfico

O discurso como sendo uma prática social e humana de construir texto cabível a toda situação que envolve a comunicação dentro de um determinado contexto por meio da linguagem arraigada de influência ideológica, Van Dijk, (2000, p. 6) diz que discursos são “formas de ação e interação social, situadas em contextos sociais dos quais os participantes não são apenas falantes /escritores e ouvintes/leitores, mas também atores sociais que são membros de grupos e culturas”. Orlandi (2012) neste aspecto diz que os sentidos do discurso, desse modo, são definidos por ideologias. Não são determinados pela língua em si, mas de modo plural constituem e se relacionam na e pela formação do discurso. Isto é, pelo processo contínuo do letramento.

Van Dijk (2000:39) compreende que o conhecimento cultural é à base de todas as crenças avaliativas, incluindo as opiniões, atitudes e ideologias, socialmente compartilhadas. Logo, a prática discursiva disputa pelo poder da aceitabilidade, por isso, Maingueneau (2010):

Na perspectiva da Teoria literária ou na perspectiva da análise do discurso, diz que a literatura pornográfica passa a ser mais considerada um discurso, assim como um discurso político ou religioso, por exemplo. Mas, sendo gênero, todo o agrupamento de textos em e para um determinado critério, a literatura pornográfica constitui, sim, um gênero (Maingueneau, 2010, p.18, grifus da autora).

Deixando claro que “essa noção de gênero só é pertinente a depender do nível da obra e não a depender de qualquer obra, de qualquer outro gênero tendo no seu corpo textual sequências, isto é, passagens pornográficas” (Maingueneau, 2010, p.18, grifus da autora).

O discurso, mesmo em suas regras de pronúncia direta, indireta e livre sempre estará apoiado em contexto a outros discursos, contudo de maneira personalizada a sua identidade, ou seja, todo e qualquer discurso é dialógico à relação interna e externa à interlocução.

“O estudo da literatura pornográfica não se faz sem dificuldades. Para começar, o próprio termo designa uma realidade sobre a qual todos pensam não haver mistério [...]”. (MAINENGUEAU, 2010, p.7). A “sexualidade” marca um autêntico problema filosófico, eminentemente pejorativo, desqualificado. Já o “erótico” marca um elevado grau de civilização, de aceitação comparada ao pornográfico. Contudo, mesmo com essa distinção de valores agregados, ambos são constantemente contrapostos. A valorização de uma permite muito mais a condenação da outra.

A distinção entre pornografia e erotismo é atravessada por uma série de oposições, tanto nas afirmativas espontâneas quanto nas argumentações elaboradas: direto vs. indireto, masculino vs. feminino, selvagem vs. civilizado, grosseiro vs. refinado, baixo vs. alto, prosaico vs. poético, quantidade vs. qualidade, chavão vs. criatividade, massa vs. elite, comercial vs. artístico, fácil vs. difícil, banal vs. original, unívoco vs. plurívoco, matéria vs. espírito etc. (MAINGUENEAU, 2020, p.31)

Ambas se diferem pelo modo de gerir o código, a escrita visual. Na qual a escrita pornográfica é unívoca, descarta ambiguidade, embora apresente sentidos não tão à mostra. Fornece uma mensagem direta e de forma simples.

Foucault (1996, pág.10) diz que “Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder”. Portanto, esse cuidado direcionado ao letramento é

principalmente necessário, pois várias pesquisas apontam um alto índice de consumo da pornografia e sua influência no comportamento dos indivíduos. Na qual, a questão por não ter devido aprofundamento nas pesquisas, carece ser mais discutida, pois, a pornografia e o discurso pornográfico são questões distintas e, portanto não devem ser justapostas.

Essa temática, um tanto delicada, é bastante discutida fora dos territórios brasileiros em defesa de uma discussão adequada para desde a educação infantil. No Brasil, por motivo de regimento de leis, como a “infância sem pornografia” e o reconhecimento da maioridade penal que dispõe sobre o respeito dos serviços públicos a criança, ao adolescente e pessoas em desenvolvimento e em condição de especial fragilidade psicológica, proíbe tal abordagem propriamente dita. Mas, esse projeto impede o acesso a esse tipo de texto ou impede de uma formação de sujeitos críticos a linguagem explícita do amor, do desejo e do prazer presente no texto?

Em diferentes espaços encontramos vestígios da linguagem e do discurso erótico e pornográfico, nas ruas, nos coletivos e banheiros públicos e escolares, nos museus e vários outros meios. Logo, entender a especificidade enunciativa do discurso erótico e pornográfico é um ato de letramento tão relevante quanto qualquer outro. É sobre esse processo de letramento crítico e literário que nos desafiamos a refletir e analisar. É ultrapassar as barreiras para o entendimento, histórico, sobretudo, discursivamente. Como já dizia Austin (1990) “dizer” é um (constativo) do “fazer” (performativo). O texto por meio do discurso tanto diz como faz.

Estudos sobre essas questões já foram feitos, mas voltado para o ensino da literatura erótica, contudo, em defesa de estímulo, incentivo e realização de uma leitura artística, considerando o despertar da curiosidade dos leitores. Por razões legais, como já explicados aos conteúdos proibidos para menores de idade, se a categoria erótica é baixa, a categoria pornográfica é nula. Em proposta, apostamos refletir na orientação e propósito dessas leituras de categoria erótica e pornográfica, de fruição crítica para ampliação do nível de letramento literário, uma vez que são adjetivados de acordo com o contexto.

Searle (1983:72-73) diz que “o querer dizer é mais do que uma questão de intenção; é também uma questão de convenção.” Desmistificar essas impregnações generalizadas pela categoria literária é uma das razões que nos incentiva a refletir. Principalmente, por de acordo com Gnerre (1991, pág.5) citado por Bourdieu (1977) “o poder da palavra consiste no poder de mobilizar a autoridade detida pelo falante e

centrá-la no ato da sua expressividade”. Isso é o poder da ação através do discurso pelo processo de letramento, que em sua ordem de produção pode levantar críticas, denúncias, etc.

Por muito tempo a categoria literária supracitada tem sofrido com a inferiorização de sua existência e função social. A partir dessas apresentações percebemos a relação dialógica entre aspectos do discurso, na história com a literatura. Para Bakhtin (2000, pág.302), essa relação é dialógica à medida que interna e externa a nós mesmos. Logo, a relação interlocutora do leitor com o texto literário é resposta para uma leitura responsiva, que para tal precisa ser concreta.

2.3 Orientações básicas para o ensino de Literatura

Com base no último documento base norteador da educação básica brasileira, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, da reforma curricular brasileira, principalmente ao ensino médio, destacamos três competências básicas da educação:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, MEC, 2017, p. 9-10)

Essas competências em adequação ao Projeto Político Pedagógico de cada escola e seus aspectos locais defendem um modelo de ensino de literatura na perspectiva dialógica, a partir dos eixos que modela a sequência de Cosson (2009), que são: leitura, produção textual, oralidade e análise linguística.

Para que desse modo, o estudo do texto literário, possa recuperar as formas instituídas da construção do imaginário, da criativa e livre leitura literária, mas sem se

perder na superficialidade do texto. Ou seja, cria-se uma ligação de “funcionalidade dos elementos constitutivos da obra e sua relação com seu contexto de criação” (BRASIL. MEC, 1997, p. 71). A literatura em seu discurso de ordem específica sempre faz a ponte entre a história e a criação pelo marco histórico influenciado da época.

Trata-se de uma educação literária, não com a finalidade de desenvolver uma historiografia, mas de desenvolver propostas que relacionem a recepção e a criação literárias às formas culturais da sociedade. Para ampliar os modos de ler, o trabalho com a literatura deve permitir que progressivamente ocorra a passagem gradual da leitura esporádica de títulos de um determinado gênero, época, autor, para a leitura mais extensiva, de modo que o aluno possa estabelecer vínculos cada vez mais estreitos entre o texto e outros textos, construindo referências sobre o funcionamento da literatura e entre esta e o conjunto cultural; da leitura circunscrita à experiência possível ao aluno naquele momento para a leitura mais histórica por meio da incorporação de outros elementos que o aluno venha a descobrir ou perceber com a mediação do professor ou de outro leitor; da leitura mais ingênua que trate o texto como mera transposição do mundo natural para a leitura mais cultural e estética, que reconheça o caráter ficcional e a natureza cultural da literatura (BRASIL. MEC, 1997, p. 71).

No entanto, o processo de letramento crítico e literário acredita na evolução do sujeito-leitor pelo vínculo de obras cujas categorias do discurso foram apagadas ou esquecidas pela história do poder político na educação ou pelo próprio cânone brasileiro.

Na percepção de Cosson (2009) quanto à importância da literatura na formação por seu caráter humanizador e crítico nos processos de sequência básica, consiste em quatro momentos:

1) Motivação	Recepção ao texto e Respostas aos estímulos.
2) Introdução	Apresentação de obra, autor e contexto.
3) Leitura	Proposta de letramento (leitura diagnóstica), mediada aos objetivos definidos.
4) Interpretação	Construção de sentidos.

Quadro 1: Sequência básica para o Letramento Literário

Fonte: Adaptada a referência teórica defendida por COSSON, Rildo. Letramento Literário: teoria e prática. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

Essa sequência, na tentativa de garantir ao ensino de literatura sua especificidade e valor que é a humanização, a fluidez e a satisfação enquanto se realiza a leitura,

Cosson (2021) organiza como apoio norteador etapas para serem aplicadas como metodologia básica e essencial. Todavia, atentando para que no processo não se perca nas superficialidades do texto.

Pensando na possibilidade de se trabalhar a literatura erótica e pornográfica no espaço escolar, partimos da premissa na sequência básica para o Letramento Literário apresentado por Cosson (2012) conforme mostra no quadro 1, acima. Principalmente para as turmas do ensino médio.

Partindo da obra “As Aventuras do Rei Pausolo” como referência literária dessa suposta sequência didática, ressaltamos que possui uma linguagem antiga, mas acessível, e por essa também razão, relevante para acesso, a exploração e ao resgate da história e cultura do leitor, autor e obra a partir da prática de atividades que permitam fazer a leitura, a pesquisa, a reflexão e a socialização textual, pois, a relação com a diversidade literária acima de tudo permite emancipação crítica e afetiva do sujeito leitor. Logo, destacamos as seguintes etapas:

1) Área de estudo	Literatura
2) Obra de estudo	Romance juvenil “As Aventuras do Rei Pausolo” escrito pelo francês Pierre Louys em 1949 no século XX.
3) Público alvo	Ensino Médio (1º, 2º, 3º)
4) Objetivos	<ul style="list-style-type: none">-Desenvolver o hábito e a prática pela leitura crítica e reflexiva, bem como o senso de pesquisa sobre temas relacionados à história da literatura;-Proporcionar ao estudante uma visão dialógica sobre a obra literária, mediando-o para a compreensão do texto dentro do contexto histórico em que foi escrito e está sendo lido;-Estudar e resgatar obras e autores esquecidos pelo cânone.
5) Conteúdo pragmático	<ul style="list-style-type: none">-O contexto histórico-social;-Manifestação literária: pós-moderna;-Prática de leitura: contextualização física, espacial e temporal por meio dos elementos textuais e narrativos.

6) Motivação	<p>Recepção ao romance “As Aventuras do Rei Pausolo” de forma seriada, ou seja, leitura por partes, periodicamente, haja vista que se trata de um texto extenso. Acompanhado de perguntas e respostas curiosas sobre a temática, para que ao decorrer das leituras tenha-se estímulo e seja também atrativa.</p> <p>Despertar o desejo e o interesse pela leitura é essencial para esse primeiro momento.</p>
7) Introdução	<p>Criar uma forma descontraída e diferente para fazer a apresentação da obra, dos leitores, do autor e do contexto em que a obra foi escrita e em que contexto está sendo lido o romance. Podendo ser através de uma dinâmica aleatória ou por ordem alfabética, ordem crescente ou decrescente do ano de nascimento dos estudantes.</p> <p>A criatividade para causar interesse na pesquisa e na socialização do autor e obra é o que permitirá nesse segundo momento a introdução para início da leitura, quanto mais dinâmico melhor.</p>
8) Leitura	<p>Partindo da ideia que toda leitura parte da interação recíproca entre leitor, autor via texto, os quais expressam diferentemente e de acordo com a subjetividade de cada estudante-leitor, ou seja, quanto aos seus conhecimentos, experiências e valores já previamente obtidos, promovem uma inferência, isto é, uma relação entre o que se sabe e o que é novo. Processualmente fazem do leitor um sujeito ativo que modifica e constrói o sentido do texto à medida que o ler. Logo, discutir algumas questões no processo que antecede, perpetua e sucede a leitura, tais como sobre a categoria literária, o contexto, as questões pontuadas, a expectativa da leitura e a possível intenção do autor objetiva, alinha uma forma de nortear a leitura de modo associativo que como tal torna-a significativa. Para isso, pode-se, por exemplo, construir perguntas colaborativamente, bem como compartilhar perguntas guias para o processo da leitura.</p>

9) Interpretação

Nesse momento vale-se da construção de sentidos a partir da leitura em processo de inferência entre leitor, texto e contexto. Pois, como se sabe, a leitura, sobretudo literária não se resume as palavras gráficas. É preciso entender que uma experiência nova de leitura literária permitirá a formação de um novo sujeito leitor crítico, capaz suficiente de certificar, construir e resolver paradigmas antigos e atuais. Para tal, pode-se fazer uma roda de conversas, seguido da produção de um texto-memória sobre o que se pensava e sobre as novas descobertas a respeito do romance. A socialização autoral torna e marca uma relação humanizada e afetiva da leitura literária, o que destaque como essencial nesse momento de interpretação e compreensão textual.

Quadro 2: Sequência básica para o Letramento Literário Erótico e Pornográfico

Fonte: Adaptada a referência teórica defendida por COSSON, Rildo. Letramento Literário: teoria e prática. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

Diante desta sequência básica sobre uma possível maneira de trabalhar a literatura erótica e pornográfica em sala de aula, ressaltamos a importância da mediação norteada por objetivos contundentes, capazes de não banalizar a leitura pela superficialidade da ideia que se denota ao que é erótico e pornográfico. Principalmente, uma vez que essa temática apresenta-se na contemporaneidade mais acessível ao público leitor. Logo, trabalhar essa categoria literária de forma crítica rompe tabus, valoriza a diversidade literária, amplia os vocabulários e permite o senso de respeito, inclusão, autonomia e cidadania.

3. Metodologia

Tendo em vista que o trabalho teve como objeto de análise o discurso erótico e pornográfico na obra francesa, o interesse pelo tema surgiu com o ingresso no grupo de pesquisa pelo programa de Iniciação Científica/Ações Afirmativas (PIBIC/Af) cuja categoria de análise é pornográfica.

Para atingir os objetivos principais da pesquisa, partimos para a utilização conjunta de técnicas, tais como: pesquisa bibliográfica. Assim como foi feita uma sequência de atividades como: 1) levantamento e revisão bibliográfica; 2) construção do corpus; 3) seleção e análise dos dados; 4) discussão e revisão dos resultados preliminares; 5) produção e defesa do trabalho de conclusão de curso.

As fontes de pesquisa gratuitas utilizadas para a pesquisa foram livros de referência, romance pornográfica oitocentista, escrita pelo francês Pierre Louys no século XX ano de 1901 na França, cujo título é “As Aventuras do Rei Pausolo”, teses e dissertações disponíveis em bibliotecas digitais, artigos publicados em periódicos científicos da CAPES, *Scielo* e *Google Acadêmico*.

A análise foca no discurso erótico pornográfico no processo de letramento crítico e literário a partir da assimetria de apagamento à didática e ao currículo do ensino de literatura. Sobretudo, uma vez que, segundo Azevedo (2012), e outros estudiosos, o papel social da educação para o empoderamento de sujeitos professores e estudantes deve refletir acerca do tipo de estruturas discursivas responsáveis pela construção de identidades, pois estando “nas salas de aula e intervir nesses discursos, tornando a escola um espaço reflexivo sobre as práticas discursivas que nos constroem” (AZEVEDO, 2012, p.55) é preciso.

Com abordagens de métodos qualitativos, caracterizamos a pesquisa, pois, buscamos sempre a via da investigação exploratória, reflexiva e analítica. Zanette (2017), afirma que na investigação qualitativa, “o objetivo principal do investigador é o de construir conhecimentos e não dar opinião sobre determinado contexto” (Apud Bogdan e Biklen, 1997, p. 67). Logo, a única intenção é explicar que: “o processo é o foco principal de abordagem e não o resultado” (GODOY 1995, p.58). O que configura um processo dinâmico.

Como aporte teórico as questões levantadas citamos: sobre Letramentos Kleiman (2008), Rojo (2004), Street (1993), Cosson (2009, 2014), sobre o Discurso van Dijk, (2000) e Orlandi (2012), sobre o Discurso Erótico e Pornográfico Maingueneau (2010) sobre a Leitura Manguel (1997), sobre dialogismo Bakhtin (2000) e Marcuschi (2002), sobre cultura e poder Chartier (1999), Certeau (1994), e outros mais de forma a complementar, não menos importante.

Dessa forma, o trabalho compreende a categoria literária referida como tendo larga escala de leitores, mas que é baixa, senão nula no quesito de análise e percepção crítica aos elementos e da natureza que a constitui.

Essa atenção favoreceu na tarefa de qualificação dos estudos, bem como influenciou e contribuiu para a apresentação real das conclusões, sendo elas favoráveis ou não aos objetivos definidos.

4. Análise do romance francês “As Aventuras do Rei Pausolo”

A pornografia assim como outras categorias literárias Oitocentistas passou por adaptações em diferentes veículos de circulação ou mesmo de gênero literário. O romance francês “As Aventuras do Rei Pausolo” escrito no século XX por Pierre Louÿs, edição por tradução feita em nome de Frederico dos Reys Coutinho no ano de 1949 pela Editora: Mundo Latino, coleção Extase/Eros comporta uma capa com estrutura antiga, típica da época, dividida em quatro livros e contendo 248 páginas.



Figura 1: Capa do romance “As Aventuras do rei Pausolo”.

Fonte: <https://www.traca.com.br/livro/56703/as-aventuras-do-rei-pausolo>

A obra faz paralela a ficção com a realidade, bem como destaca dissonância entre os marcos sociais da época e da atualidade como o regime do governo monarquia e república. Em resumo, no desenrolar da trama, um dos personagens protagonistas como o Rei Pausolo, debaixo de uma cerejeira, na terra fictícia de Tryphemia governava seu povo e tomava importantes decisões sob as seguintes leis “1- Não prejudique o próximo. 2- Isto posto, faça aquilo que quiser”, colocando sempre o prazer individual acima de tudo, seguindo uma filosofia hedonista.

O rei possuía um harém com várias esposas, uma para cada dia do ano, na qual admitia todas as religiões, pois acreditava desfrutar dos paraísos oferecidos por elas.

Realidade esta que explorou situações contrárias da ordem normativa estabelecida da época, expondo ao leitor práticas socialmente reprovadas, como por exemplo, a poligamia protagonizada pelo rei em seus relacionamentos conjugais.

A princesa Alina, única filha do rei, que perdera sua mãe ainda quando criança, a dançarina Mirabella, Taxis (o braço direito que governa a ordem do rei), Diana (uma das rainhas do rei) e Giguelillot (o agente que resgata a princesa) são outros personagens que brilham no enredo da narrativa. Contudo no desenrolar da trama outros personagens como Sr. e Sra. Lebirbe e outros vão surgindo.

Pausolo se mostrava tolerante as diversidades religiosas e de costume com seu povo, exceto com sua filha Alina, que por se sentir presa e impedida de desfrutar das liberdades defendidas as mulheres de seu reino fugira com a dançarina Mirabela travestida com trajes masculinos, as quais por curto prazo desencadeiam uma paixão.

A relação não é tratada como profano como nos discursos religiosos propagados em meados do século XIX, também não era um discurso relacionado à psiquiatria e à medicina, no qual a homossexualidade estava ligada a uma doença ou desvio de conduta. Tempos depois dessa relação passageira, Alina se encanta por Giguelillot e passa a ter um vínculo mais que amizade. Levando-a de volta ao castelo, faz um pedido ao seu pai e então, rei. Para que possa ter mais liberdades como todas as mulheres de seu povoado. O rei aceita e vivera um final feliz típico do conto de fadas.

Feito a contextualização, partindo para análise, nota-se que na narrativa é citado espaços geográficos reais como a Europa especificamente a França com personagens de origem francesa. Esse reino encontrava-se, à beira do Mediterrâneo. Logo, presume-se a criação de um mundo imaginário a partir de um mundo existente.

O texto acompanha de mais explicações do narrador, que detalha tramas e pensamentos, sentimentos dos personagens.

A literatura não é um discurso que possa ou deva ser falso (...) é um discurso que, precisamente, não pode ser submetido ao teste da verdade; ela não é verdadeira nem falsa, e não faz sentido levantar essa questão: é isso que define seu próprio status de "ficção". (TODOROV 1981 p. 18, apud HUTCHEON, 1991, p.146).

Distinguir ficção de história tem ocupado o primeiro plano em grande parte da teoria literária contemporânea e da filosofia da história. Segundo Hutcheon (1991, p. 169), muitas obras utilizam da criação cômica e intertextual tanto para recuperar a história e a memória, quanto para pôr em dúvida “a autoridade de qualquer ato de escrita por meio da localização dos discursos da história e da ficção dentro de

uma rede intertextual em contínua expansão que ridiculariza qualquer noção de origem única ou de simples causalidade”. Esse aspecto é uma das características presente na obra, considerando o uso de alegoria e sátira para ridicularizar um alvo.

Outro aspecto se encontra na referência intertextual ao final da história fictícia típica do conto de fadas. Em que a figura da princesa Alina, criada por madrastas, bela e de final feliz com um rapaz no reinado de seu pai, o rei. Dessa forma, percebemos que toda criação fictícia acarreta traços familiares para associação e compreensão rápida do leitor.

Embora, as obras literárias de um modo geral tenham consonâncias em sua estrutura no sentido histórico, social, cultural e ideológico, cada uma possui sua ordem de discurso. Essa ordem não é a mesma. Se tratando da criação do discurso erótico e pornográfico desta obra, se dá através da sátira² e da alegoria³ proferidas como forma de ataque ao meio político social da época, a partir da linguagem descritiva sobre o desejo e a instituição de quem profere ou partilha desse sentimento. Essas seriam as especificidades da literatura, como forma de representatividade contextual.

Em partes do romance francês, considerando que o rei tem uma rainha para cada dia do ano, podemos notar indiretamente a ordem de um discurso cujo prazer de Diana (uma das rainhas) ao lado do rei é limitado a um único dia, enquanto sabe-se explicitamente que ele goza do contrário. Não foi preciso falar para se chegar a esse senso.

– Como esta noite lembra a de minhas núpcias! –murmurou Diana –Há um ano que não faz uma noite tão bonita. Esta é de fato irmã da primeira. Realmente não há noites estranhas, em que a paisagem que nos fita parece conter toda a felicidade que desejaríamos conter em nós? (LOUYS, 1949, p.38)

Certificamos isso, quando em outro trecho o narrador diz que “Diana, ficando sozinha com o rei, agarrou a oportunidade pelo fio de cabelo”.

Em outro momento do romance, nas primeiras páginas, se faz à narrativa e a descrição de seu ofício, que é receber em baixo da cerejeira as reclamações de seu reinado para por meio da consciência da lei de sua cidade orientar, aconselhar.

Trajava a indumentária predileta das moças de Trifeme: na cabeça um lenço amarelo cor do sol, nos pés chinelas cor de luar e o resto do corpo inteiramente

² Sátira na Literatura Latina é composição poética e irônica contra instituições, costumes e idéias da época de forma a ridicularizar o alvo como referência. Definições de Oxford Languages. Disponível em <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em 14, agosto, 2021.

³ Alegoria, modo de expressão ou interpretação que consiste em representar pensamentos, idéias, qualidades sob forma figurada. Definições de Oxford Languages. Disponível em <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em 14, agosto, 2021.

nu. Pausolo achava, de fato, que o espetáculo de uma pessoa feia, velha ou aleijada é um sofrimento para alguns, e proibira não somente às compleições defeituosas, mas também aos rostos grotescos, apresentaram-se a descoberto. Mas como o espetáculo de u'a mulher jovem ou de um homem em plena virilidade só pode provocar idéias absolutamente sadias e de todo adequadas à verdadeira virtude, Pausolo fizera seu povo compreender que urgia revelar a todos um dom tão precioso e fugidio quanto a beleza humana. (LOUYS 1949, pág.11).

Diante desta fragmentação da obra, em que se admira a beleza da mulher, descrevendo sua nudez, sua mocidade e sua beleza como encanto e espetáculo, implicitamente fazendo aversão a quem não atende os padrões de beleza sociais da época, o que ridiculariza, partindo do texto quem é velha, aleijada, feia. Esse desprestígio acentuado é uma das características específicas da sátira. Já quando faz comparação entre “um dom tão precioso” e “quanto à beleza humana”, faz jus a alegoria. Ambas as especificidades da linguagem, fazem possivelmente crítica ideológica a construção da imagem corporal aos sentidos atribuídos ao corpo, especificamente o da mulher.

Em outro momento na passagem de um diálogo entre a princesa Alina e a dançarina Mirabela que diz,

–Vem para um cantinho escuro, já...

–Por quê?

–que eu te beijei...Se me permitires.

Entraram numa rua escura e encontraram o abrigo desejado. Atrás de um caixote de areia que haviam deixado ali em cima de cunhas, as duas moças, de bocas unidas, provaram-se reciprocamente fiel ternura. (LOUYS, 1949, p.221, p.)

Havendo nos estudos teóricos uma distinção entre o que é erótico e pornográfico⁴, julgamos por contexto deste trabalho, pornográfico quaisquer descrições explícitas que expressem o desejo e o prazer pela instituição que o rege, que o alimenta. Como assim se apresenta no diálogo entre Alina e Mirabela.

Segundo Mainengau (2010, p.19), as principais obras pornográficas dos séculos passados, são em sua maioria, diálogos. E isso explica de que o diálogo é a forma dominante nessa época. Além de que foi no século XVIII que o romance definitivamente marca o formato para o relato pornográfico.

O discurso erótico, principalmente o pornográfico são discursos compensatórios e reativos das inquietações humanas que no marco da história e cultura da literatura, sem precisar invocar autoridades a respeito, é compreensível e perceptível a repressão

⁴ Distinção entre o que é Erótico e Pornográfico. In: MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p.30-31.

sofrida pela ideia de expressar de forma explícita ou implícita o desejo e seu poder institucional na sociedade como inapropriada, contudo, sua ordem de linguagem incomum, permite crítica, ataque, provocação ao poder.

É importante destacar nessa análise também, a relação importante da Metaficção⁵ na construção do discurso pornográfico satírico e alegórico por meio dos elementos que constituem e enredam o texto adaptado a seu modelo de circulação social, ou seja, o romance em livro de brochura, cuja escrita está mais detalhada e explicativa, sua finalidade torna-se mais reflexiva, principalmente para análise, mediando o leitor de modo a mais.

O espelhamento que a obra oferece ao que é real e fictício, estrategicamente qualifica as representações e práticas culturais representadas através da escrita, dando ênfase à formação e possibilidade de análise dos discursos produzidos sobre moralidade, sexualidade e costumes de forma imagética e artisticamente proposital.

Palavras Finais

O discurso erótico e pornográfico é uma categoria literária cujo texto possui uma especificidade linguística incomum. Seu estilo de linguagem explícito e implícito dos sentimentos, desejos e prazeres, na maioria das vezes de forma alegórica e satírica além de proporcionar sensação ao leitor, permite outro nível de criticidade. Segundo, Maingueneau (2010, pág.15) por essa especificidade natural de sua origem “a literatura pornográfica está destinada à proibição”. Será mesmo que deveria ser?

No marco dos tempos hipermodernos, a educação, especialmente ao ensino de literatura deve inspecionar e atualizar os conceitos e metodologias para ganhar progresso no que tange ser crítico, significativo e emancipador aos sujeitos-leitores envolvidos, com isso, não distanciar e desconsiderar as mudanças sofridas com o tempo.

Os letramentos como um conjunto de práticas sociais em torno da linguagem, adjetivadas a dado contexto, permitiria ao discurso erótico e pornográfico um lugar para trabalhar e desmistificar inverdades por ordem de discursos ultrapassados durante uma trajetória histórica, cultural, ideológica e política.

⁵ Metaficção, é, no seu significado original, um tipo de texto que revela propositadamente os mecanismos da produção de uma obra literária. Por extensão e em uso mais recente, serve para designar outras formas de expressão artística. Disponível em: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Metafic%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 21.Agosto.2021.

Em análise ao discurso pornográfico na obra francesa, nota-se que as especificidades do discurso pornográfico são marcantes, assim como de qualquer outro gênero textual. Sendo assim, tal discurso assume um papel de escopo as diversidades de linguagem e gênero para o letramento com potencial de sustentar enunciados de forma provocante e curiosa. Uma vez negado, omitido e censurado sua identidade e seu papel na escolarização, assina-se um contrato de perda a um dentre vários gêneros e aspectos específicos da linguagem.

A escola tem o dever de contemplar o ensino dirigido de todos os gêneros. Não se compartilha a experiência crítica de um gênero trabalhado para outro tão facilmente. É preciso exercitar, tomar familiaridade de suas especificidades. Essa categoria vem perdendo para a omissão e a censura no processo de letramento. Só a formação é capaz de combater essa violência. Com humanização literária contrariando a impregnada subestimação do leitor.

O desconforto e a insegurança serão realidades de quem vive essa experiência, mas em razão de “letrar” uma comunidade à uma linguagem muito acessível, porém sem orientações, se faz necessário.

De modo geral, a importância dessa investigação qualitativa sobre o discurso erótico e pornográfico, a partir de referências diversas consiste em compreender que a mediação docente, é uma forma de gerenciamento de conflitos e agenciamento de sujeitos na jornada contínua e permanente que é o ensino-aprendizagem nos processos de letramentos. Válida para além do patamar acadêmico, para além do resgate de obras e autores silenciados pelo cânone por trazerem a temática erótica e pornográfica em seus textos.

É uma forma de decolonizar o saber de uma linguagem natural e institucionalizada aos nossos desejos e prazeres mais comuns. Nesse viés, o ensino de literatura, mais que uma forma de fazer crítica e interpretação é uma questão de sensação.

Este trabalho à luz de perspectivas múltiplas permite continuar e contribuir com os estudos literários quanto ao panorama conceitual, histórico, cultural e terminológico do que é erótico e muitas vezes pornográfico no Brasil, e, portanto na literatura. Em que a visão de literatura se limita ao que é canônico, conservador e popular, esquecendo muitas vezes das múltiplas categorias e obras literárias esquecidas pelo cânone, bem como das múltiplas representações de cultura e questões em ascendência também e

ainda na sociedade vigente. Afinal, a literatura em sua totalidade é um tratado da sociedade e sua diversidade.

Referências

AZEVEDO, A.S. A sala de aula de língua estrangeira como Fórum de discussão sobre identidades de Raça: Compartilhando uma Experiência Intervenconista. In: FERREIRA, A.J. Identidades sociais, Letramento visual e Letramento crítico: imagem na mídia acerca de raça/etnia. In: trab. Ling. Aplic. Campinas, n (51.1):193-215, jan/jun.2012.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Trad. de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas: 1990. 136p.

BAGNO, Marcos. **A norma culta. Língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BOURDIEU, p. **Cultural reproduction and social reproduction** Jn: KARABEL, I., HALSEY, A H. Power and ideology in education. New York: Oxford University, 1977.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Fundamental (SEF). Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa: terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Ouro sobre azul, 2004.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Artes do fazer. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2ª Edição. 4ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. **Círculos de leituras e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

COSTANZO, William. Reading, Writing, and Thinking in an Age of Electronic Literacy. In: SELFE, C. ; HILLIGOSS, S. (Eds.). Literacy and Computers. The Complications of Teaching and Learning with Technology. New York: The

Modern Language Association of America, 1994. In: Marcuschi, Luiz. **Fala e escrita** . 1. ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FOUCAULT, Michel . **A Ordem do Discurso**.3. Ed. São Paulo: Loyola, 1996.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**.3.ed.SãoPaulo:Martins Fontes, 1991.

GODOY, A. S. **Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n. 2, Mar./Abr. 1995B, p. 57-63.

GRANDO, Katlen Bohm. **O Letramento A Partir De Uma Perspectiva Teórica: Origem**

Do Termo, Conceituação E Relações Com A Escolarização. Projeto Observatório da Educação/CAPES. 2012. Disponível em:
<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/3275/235>>. Acesso em: 19 ago. 2021.

HASAN, Ruqaiya. Literacy, Everyday Talk and Society. In: R. Hasan & G. Williams (eds.). Literacy in Society. London and New York: Longman, 1996. In: Marcuschi, Luiz. **Fala e escrita** . 1. ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

HUTCHEON, Linda. **Poéticado pós-moderno: história, teoria, ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 2008. 294 p.

LOUYS.Pierre. **As Aventuras do Rei Pausolo**. LOUYS.Pierre/tradução:Frederico dos Reis Coutinho, Rio de Janeiro. Ed.Mundo Latino, 1949, 248p.

LUKE, A.; FREEBODY, P. **Critical literacy and the question of normativity: An introduction in Muspratt, S., Luke, A. & Freebody, P.** (Eds), Constructing Critical Literacies. Cresskill, New Jersey: Hampton Press, 1997.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico**. Parábola Editorial, 2010.

MOTTA, Aracelle Palma Fávero. O letramento crítico no ensino/aprendizagem de língua inglesa sob a perspectiva docente. Disponível em:
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/379-4.pdf?PHPSESSID=2009051408162317>. Acesso em 20. Agosto.2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido**. Ideologia. Campinas, SP, Pontes, 2012.

ROJO, R. Letramento e capacidade de leitura para a cidadania. São Paulo: SEE: CENP. 2004.

SEARLE, J. **O que é um acto linguístico?** In: J.P. de Lima (org.) Linguagem e Acção. Da filosofia analítica a linguística pragmática. Lisboa: Apaginastantas, 1983.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SHUMAN, Amy. Collaborative Writing: Appropriating power or Reproducing Authority? In: B. STREET (ed.) Cross-Cultural Approaches to **Literacy.** Cambridge: Cambridge University Press. 1993. In: **Marcuschi, Luiz. Fala e escrita** . 1. ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

STREET, Brian. Introduction: the New Literacy Studies. In: STREET, B. (Ed.). Cross-Cultural Approaches to Literacy. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. In: **Marcuschi, Luiz. Fala e escrita** . 1. ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VAN DIJK, T. A. **El Discurso como Interacción en la Sociedad.** In: El Discurso como Interacción Social. van Dijk, T.A (Compilador). Barcelona, Gedisa Editorial, 2000.

VASCONCELOS, Maria Lucia M. Carvalho. Introdução. In: GUIMARÃES, Huady Torres; BATISTA, Ronaldo Oliveira (org). **Língua e Literatura: Machado de Assis na sala de aula.** Parábola Editorial. SP, 2012.

ZANETTE, M. S. **Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil.** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 65, p. 149-166, jul./set. 2017.